

**NEM SANTA, NEM PUTA, MULHER: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DOS SENTIDOS DA  
POESIA A SERENATA EM DIÁLOGO COM UM CARTAZ EMPUNHADO NA  
MARCHADAS VADIAS**

Vanuza dos Santos Lima<sup>9</sup>

PG/UEM S

Marlon Leal Rodrigues

NEAD/UEMS

**RESUMO:** A presente pesquisa trata da representação da mulher no século XX, por meio da análise do poema de Adélia Franco, A Serenata, em diálogo com a representação da mulher do século XXI, a partir de uma reflexão sobre o cartaz Nem santa, nem puta: mulher, empunhado por mulheres na marcha das vadias. A partir da análise do poema e análise do cartaz, buscar-se-á entender o lugar imposto pela sociedade para a mulher e a dificuldade que ela possui em posicionar-se como dona de si e de seus desejos, tendo em vista a objetificação e estereotipação construídas ao longo da história para a figura feminina. A Análise do Discurso de linha francesa servirá de base para este trabalho para que possamos refletir sobre questões como o sujeito, a ideologia, os efeitos de sentido e o interdiscurso.

**Palavras-chave:** MULHER, REPRESENTATIVIDADE, SENTIDOS.

***ABSTRACT:** This article proposes the research on the representation of women in the twentieth century, through the analysis of the poem of Adélia Franco, A Serenata, in dialogue with the representation of women of the XXI century, from a reflection on the poster Neither holy nor whore: woman, wielded by women in the march of the sluts, will be look forward to understand the place imposed by society for the woman and the difficulty she has in positioning herself as owner of herself and her desires, in view of objectification and stereotyping built throughout history for the female figure. The French Speech Discourse Analysis will serve as the basis for this work so that we can reflect on issues such as subject, ideology, meaning effects and interdiscourse.*

**Keywords:** WOMAN, REPRESENTATIVITY, SENSES

## **Introdução**

---

<sup>9</sup> Orientação do Prof. Dr. Marlon Leal Rodrigues NEAD/UEMS.

A Análise do Discurso Francesa nos possibilita entender questões como o interdiscurso, o sujeito, a ideologia e os efeitos de sentido, a fim de verificar o que está para além da materialidade textual da poesia *A Serenata*, de Adélia Prado, e do cartaz com os dizeres *Nem santa, nem puta: mulher*, empunhado na *Marcha das Vadias* (Séc. XXI), demarcando o embate de vozes constante nessas produções que trazem uma mulher em meio a uma binariedade de ser quem se é ou quem lhe é imposto ser.

O poema de Adélia Prado nos transporta a uma realidade em que somos chamados a sentir a angústia vivenciada pelo eu-lírico, representado pela mulher. Coloca-nos diante de uma mulher refém da realidade do século XX. Nesse período, o papel feminino resumia-se a procriadora e dona do lar e o seu objetivo de vida era o casamento.

Neste artigo, far-se-á a interlocução da poesia supracitada com o cartaz, empunhado na *Marcha das Vadias* com os dizeres *Nem santa, nem puta: mulher*, haja vista a possibilidade de perceber uma evolução da mulher, marcada pela posição em que era ocupada por ela no poema de Adélia Prado, apesar de ainda viver em uma sociedade que tenta encaixá-la aos mesmos padrões daquele século.

Destacamos que evento *Marcha das Vadias* é um movimento que teve origem em 3 de abril de 2011 em Toronto, no Canadá, em protesto a crença de que as mulheres vítimas de estupro teriam provocado a violência em virtude de comportamentos e roupas. Desde então, em várias partes do mundo, mulheres reúnem em protestos para buscarem igualdade de direitos. No Brasil, a primeira *Marcha das Vadias* ocorreu em 4 de junho de 2011.

Nessa perspectiva, entendemos que a mulher do cartaz que utilizamos nesta pesquisa abriu a janela e recebeu rótulo de puta, ou como era temido pela mulher do poema: louca. O cartaz demonstra o posicionamento de mulheres no evento *marcha das vadias*, onde reuniram-se para, em protesto, dizer que são apenas mulheres sem rótulos.

Assim como a mulher colocada por Adélia, as que participaram no referido evento sentem desejos, todavia, ao contrário da primeira, tiveram coragem e estão indo além das paredes de seus lares, pois vislumbraram o que estava além da janela, não esperaram o príncipe para que fossem libertas de uma prisão e colocadas em outra, empunharam uma bandeira e isso as afastou do ser santa e as aproximou do insano.

Por meio das análises, busca-se identificar como a mulher era representada na sociedade do século XX e se os discursos que a constituíam nessa época ainda estão presentes em discursos do século XXI, verificando como as mulheres se colocam mediante inúmeras representações e estereótipos construídos historicamente. Os efeitos de sentido gerados pelo termo mulher serão o centro das investigações desta pesquisa

### **Análise do Discurso e a Construção de Sentidos**

A Análise do Discurso nos permite refletir sobre os efeitos de sentido do significante mulher, possibilitado-nos identificar por meio da linguagem a construção do sujeito mulher ideológico e sócio-históricamente, pois, para essa disciplina, as construções de sentidos e os sujeitos são afetados pela história, são processos de identificação, argumentação, subjetivação e construção da realidade, dessa forma a linguagem só é linguagem porque faz sentido, e a linguagem só faz sentido porque se inscreve na história.

Nessa perspectiva, os espaços ocupados pela mulher e o discurso construído ao longo da história para caracterizá-la estão em permanente relação com discursos produzidos atualmente, pois como enfatiza Orlandi:

As palavras não são apenas nossas. Elas significam pela história e pela língua. O que é dito em outro lugar também significa nas nossas palavras. O sujeito diz pensar que sabe o que diz, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele. (ORLANDI, 1999, p 20)

Vale ressaltar que, de acordo com Orlandi (1999) os sentidos não estão apenas nas palavras, nos textos, mas na relação com a exterioridade, nas condições em que eles são produzidos, além de não dependerem apenas da intenção dos sujeitos, pois esses são diretamente afetados pela língua e pela história.

Dessa forma, é necessário conhecer a construção histórica da mulher, assim como a forma como ela foi inferiorizada e reprimida ao longo do tempo para perceber essas marcas nos discursos da sociedade, tendo em vista que esses discursos não são apenas decodificados, mas são efeitos de sentido relacionados a condições de produção, exterioridade e tanto ao que é dito como ao que não é dito ou poderia ter sido dito.

Em relação às condições de produção, segundo Orlandi (1999), elas estão relacionadas à memória, compreendendo os sujeitos e as situações em que se inserem em sentido estrito, ou seja, em seu contexto imediato e em sentido amplo, que são as condições o contexto sócio-histórico, ideológico é o que traz em consideração elementos de sentido da nossa sociedade.

Quanto à memória, Orlandi (1999) a relaciona ao interdiscurso, ou seja, aquilo que fala antes em outro lugar, independente é a memória discursiva o que torna possível todo dizer e retoma o já dito, sustentando a tomada da palavra (o discurso só possui sentido no interior de um imenso interdiscurso, que disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva).

Entende-se, então, que as palavras não são apenas nossas, elas significam pela história e pela língua, o que é dito em outro lugar significa em nós, desse modo o sujeito não têm controle de como as palavras e os sentidos o afetam e se constituem nele, pois há um já dito que sustenta a possibilidade de todo dizer, conforme enfatizado por Orlandi (1999).

Dessa forma, após uma situação de esquecimento, ou seja, o já dito em algum momento se apaga da memória, passando para o anonimato, e, assim, passando a fazer sentido em nossas palavras, ao pronunciarmos tais palavras, inconscientemente, nos filiamos a redes de sentido e ideologias, de acordo com as nossas relações com a língua e com a história.

Todavia, segundo Orlandi (1999), não são os sujeitos físicos, nem seus lugares empíricos como tal, isto é, como são inscritos na sociedade, mas suas imagens que resultam de projeções, portanto há um jogo imaginário na troca de palavras, tanto em referência aos sujeitos quanto ao objeto do discurso.

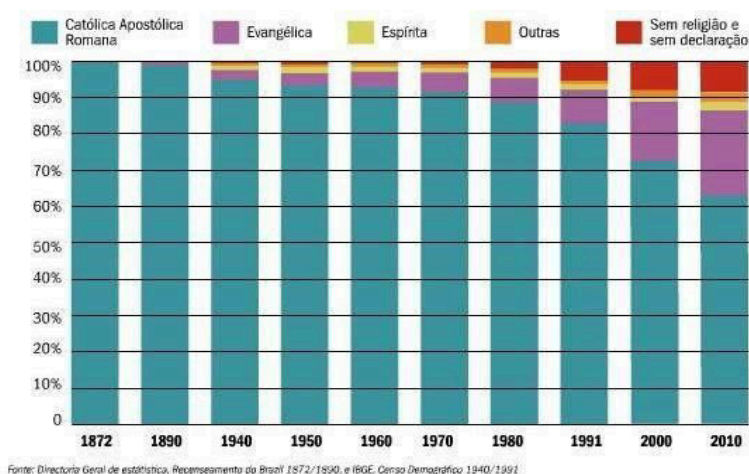
Além do jogo de forças imaginárias, o sentido é determinado por essas posições, as palavras mudam de sentido de acordo com o posicionamento do sujeito e seu momento histórico. Assim, tudo o que dizemos possui um traço ideológico, pois a ideologia materializa-se no discurso.

Portanto, o significante “mulher” aparece envolto de inúmeros sentidos, todavia, oscila entre dois termos usados com frequência para caracterizá-lo, santa e puta ou santa e louca. A Análise do Discurso ajuda-nos a compreender como esses termos fazem sentido e o porquê de serem escolhidos para caracterizar a mulher, tudo isso, por meio de uma investigação sistêmica a partir da análise dos textos propostos neste artigo relacionados às condições de produção que afetam os discursos construindo sentidos tomados de ideologias.

### Alguns Aspectos Históricos sobre a Trajetória da Mulher

A poesia analisada nessa pesquisa faz uma relação entre o santo e o profano, assim como essa relação está presente no livro de Adélia Prado, *Bagagem*, em que a poesia foi publicada. Por esse motivo, entendemos ser importante começar a traçar o histórico da mulher a partir do advento da religião, responsável por grande parte do padrão estabelecido, pois as crenças religiosas estabeleceram a maioria dos padrões vigentes em nossa sociedade, que ainda possui aspectos patriarcais.

Para verificar tais padrões, tomamos o livro Bíblia, tendo em vista que, em maioria, de acordo com pesquisa do Instituto Brasileiro de Estatística e Geografia (IBGE), o censo de 2010 demonstrou que 86,6% da população brasileira se declara cristã, sendo 64,6% de católicos e 22,2% de evangélicos, conforme gráfico a seguir:



Fonte: <https://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/o-ibge-e-a-religiao-cristaos-sao-86-8-do-brasil-catolicos-caem-para-64-6-evangelicos-ja-sao-22-2/>

A Bíblia estabelece papéis para homens e mulheres. É imprescindível ressaltar que esse livro é suscetível a várias interpretações, e, na maioria das vezes, interpretado, primeiramente por homens (padres, pastores, sacerdotes etc), o que poderia explicar as condições em que a mulher é colocada. O primeiro exemplo bíblico de mulher é o de Eva, responsável pela entrada do pecado no mundo, pois ao ser enganada pela serpente, comeu do fruto que havia sido proibido por Deus. Vale ressaltar que, nesse episódio, Deus volta a Terra e dirige-se a Adão, que também havia comido do fruto, mas culpa a mulher pela falta de obediência que também era dele, apesar de todos serem expulsos do paraíso, sobre a mulher recaí uma pena que parece maior, conforme se constata a seguir:

Quando a mulher viu que a árvore parecia agradável ao paladar, era atraente aos olhos e, além disso, desejável para dela se obter discernimento, tomou do seu fruto, comeu-o e o deu a seu marido, que comeu também. Os olhos dos dois se abriram, e perceberam que estavam nus; então juntaram folhas de figueira para cobrir-se.

Ouvindo o homem e sua mulher os passos do Senhor Deus que andava pelo jardim quando soprava a brisa do dia, esconderam-se da presença do Senhor Deus entre as árvores do jardim.

Mas o Senhor Deus chamou o homem, perguntando: "Onde está você? "

E ele respondeu: "Ouvi teus passos no jardim e fiquei com medo, porque estava nu; por isso me escondi".

E Deus perguntou: "Quem lhe disse que você estava nu? Você comeu do fruto da árvore da qual lhe proibi comer?"

Disse o homem: "Foi a mulher que me deste por companheira que me deu do fruto da árvore, e eu comi".

O Senhor Deus perguntou então à mulher: "Que foi que você fez? "

Respondeu a mulher: "A serpente me enganou, e eu comi".

À mulher, ele declarou: "Multiplicarei grandemente o seu sofrimento na gravidez; com sofrimento você dará à luz filhos. Seu desejo será para o seu marido, e ele a dominará".

E ao homem declarou: "Visto que você deu ouvidos à sua mulher e comeu do fruto da árvore da qual eu lhe ordenara que não comesse, maldita é a terra por sua causa; com sofrimento você se alimentará dela todos os dias da sua vida A Bíblia (Gênesis 3:6-13)

Eva seguiu os seus desejos ao dar ouvidos à serpente, desobedecendo a um mandamento, assim como ela, Adão também comeu do fruto, mas culpou a mulher e foi culpado por Deus por ter dado ouvidos a ela, Sob Eva recaiu a pena de ter dores durante o parto e de estar sob o domínio do homem para sempre.

A Bíblia constrói-se a partir da relação entre o profano e o sagrado, a primeira mulher apresentada em protagonismo já é relacionada ao profano por seguir os próprios desejos, também já é colocada em posição inferior ao homem. Considerando essa relação, somos apresentados a Maria, ou Virgem Maria, aquela que foi digna de gerar o filho de Deus, mais tarde considerada santa.

Alguns estudiosos colocam Maria como a segunda Eva, no entanto com uma atitude diferente da primeira, a Bíblia mostra uma Eva humilde, virgem e obediente. Que aceitou e obedeceu ao desígnio de gerar o filho de Deus.

Esses são os dois grandes modelos trazidos pela Bíblia, Eva e Maria, ao longo desse livro esses modelos são desenvolvidos e vai ficando mais claro o que é ser uma mulher santa e o que é ser uma mulher fora dos padrões bíblicos, pois a mulher que se aproxima de Maria é aquela submissa, que planeja sua vida e direciona seus desejos em função de seu esposo.

Ao longo do livro sagrado, é possível encontrar outros exemplos de mulheres que conseguiram destacar-se para além desse padrão, ocupando grandes posições, a exemplo, temos Débora que ocupou a função de juíza, Ester que foi rainha da Pérsia, e, conforme o mencionado o livro avança, a mulher ocupa um espaço diferente. No novo testamento, a mulher recebe mais valorização e, ao contrário de Eva, Maria Madalena que teve um encontro com o profano, não é castigada, mas chamada à obediência e perdoada.

Todavia, apesar do destaque dado a outras mulheres, quando se pensa em religião as mulheres que ocuparam posições melhores não são tão citadas e ficamos resumidos ao santo e ao profano. Pois, como dito, a interpretação bíblica por muitas vezes partiu dos homens, que deram mais destaque aos exemplos masculinos, deixando a mulher sempre na posição de submissa. Ainda, a palavra submissão no contexto bíblico pode apresentar um sentido diferente do interpretado socialmente, pois, muitas vezes, pode ser interpretada como aquela que está sob a mesma missão que o esposo, ou seja, que seja companheira nos projetos do marido.



Assim, como no livro sagrado, que tem grande influência na visão da sociedade sobre as mulheres, hoje, a história das mulheres tem tido grandes avanços e sofrido mudanças, apesar de essa mudança ainda estar alicerçada na binariedade de ser santa e puta.

Para além da questão religiosa, que pode ser utilizada para explicar a relação da mulher com o santo e o profano, historicamente, o sexo feminino não esteve sempre subordinado e inferiorizado, o que pode ser constatado na pesquisa realizada na dissertação “Mulher na boca do povo – Os ditos no senso comum”, em que encontramos a descrição da mulher egípcia que podia ter propriedades, fazer testamentos e tomar decisões independente da autorização de um homem, mesmo que esse fosse seu esposo. As egípcias, há mais de três mil anos, tinham mais liberdade que gregas e romanas.

Ainda de acordo com a referida dissertação, na mesopotâmia, por volta do 3º milênio antes de Cristo, diferentemente das citadas acima, as mulheres levavam uma vida de desigualdade e de leis que favoreciam aos homens, uma delas era a lei do adultério que estabelecia que a mulher deveria ser jogada no rio e morta em caso de traição, enquanto o homem, apenas deveria pagar meia mina, o que nem sempre acontecia. Já as mulheres hebraicas desfrutavam de um pouco de liberdade, pois podiam adquirir propriedade e trabalhar, já a lei quanto ao adultério era bem mais severa, pois a mulher seria apedrejada em caso de traição.

Entretanto, apesar de essas mulheres desfrutarem de certa liberdade é possível perceber que o homem sempre esteve em posição superior, e, ainda que não totalmente submissa, as leis sempre foram mais rígidas para mulheres.

Adiante, apresentaremos a situação atual da mulher, seus avanços e os percalços que fazem parte do seu caminho até a mudança de uma concepção de mulher como frágil, submissa e incapaz de fazer algo sem o auxílio ou consentimento de um homem.

### **A Situação atual da mulher no brasil**

De acordo com a pesquisa Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça (1995-2015), divulgada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), apresentaremos neste tópico algumas



constatações sobre a mulher em relação ao arranjo familiar, à educação, ao mercado de trabalho, à renda e ao uso do tempo.

A referida pesquisa indica que cresceu consideravelmente o número de lares “chefiados” por mulheres, considerando que, em 1995, 23% dos domicílios eram chefiados por mulheres, enquanto, em 2015, esse número cresceu para 43%. Constata-se que a mulher não está mais na posição de dependente do homem, como registrado na poesia *A Serenata*, à espera do marido para que possa sair de casa.

Apesar de as mulheres terem ocupado posições de chefes do lar, no mercado de trabalho essa realidade é diferente, pois mulheres enfrentam dificuldade para ocupar posições, conforme a referida pesquisa, a taxa de ocupação feminina não ultrapassa 55% de 1995-2015, enquanto essa mesma taxa para os homens é de 85%. O que evidencia a dificuldade ainda enfrentada pela mulher quando se trata de encontrar um trabalho e conquistar boa posição.

A menor participação da mulher no mercado de trabalho acarreta a diferença de renda entre o sexo masculino e feminino, a pesquisa destaca que esse índice vem mudando de 1995 a 2015, pois a taxa de 46,7% de mulheres negras desempregadas diminuiu para 27,3%, devido a políticas assistenciais. Vale ressaltar, somadas as dificuldades de ser mulher existem dificuldades relacionadas à raça/cor.

A pesquisa do IPEA traz um dado importante sobre as desigualdades cotidianas, considerando o trabalho formal e o trabalho doméstico não remunerado, 90% das mulheres declarou realizar trabalho doméstico, no caso dos homens, de 1995-2015, a taxa de homens que realizam trabalhos domésticos subiu de 46 para 53%. As mulheres assumem o que chamamos de dupla jornada, dividindo-se entre o trabalho fora e dentro de casa.

A análise dos dados expostos demonstra que as mulheres avançaram muito, e se comparadas à mulher da poesia de Adélia, abriram a janela e têm tentado ir além das paredes de suas casas e dos padrões impostos, no entanto ainda são vítimas de uma sociedade patriarcal que as coloca em posições inferiores a dos homens.

Apesar de assumirem a posição de chefes do lar, sem precisar depender do sexo masculino, encontram obstáculos para tornarem-se chefes em empregos formais, como acontece na relação com os trabalhos domésticos que ainda são delegados às mulheres que resistem, desdobrando-se entre o cuidar do lar e ser uma profissional fora dele.

## A Representação da mulher pela mulher na literatura

O cânone literário foi, historicamente, construído por obras escritas por homens brancos e da elite, formados a partir de uma visão e posicionamento patriarcais que limitavam a figura da mulher à procriadora, esposa e dona do lar.

A escrita feminina passa a aparecer, ainda que tímida, em meados da metade do século XIX, haja vista que muitas mulheres escreviam utilizando pseudônimos masculinos para terem suas produções reconhecidas.

No Brasil, a chegada tardia ao espaço literário pode ser explicada, principalmente, pelo lugar determinado às mulheres na sociedade do século XIV, em que a clausura do lar e os afazeres domésticos e de cuidado com os filhos as mantinha longe do meio intelectual e sem acesso à educação.

Destaca-se, também o acesso tardio das mulheres à educação, pois no Brasil o direito a aprender ler e escrever passa a existir a partir de 1827, em estabelecimentos onde o ensino era disponibilizado com prioridade para a instrução sobre afazeres domésticos. Apenas em 1879, as mulheres puderam ter acesso a um curso superior, sendo que as primeiras a terem acesso ao meio intelectual eram mulheres que pertenciam à alta burguesia.

No decorrer dos anos, as mulheres foram conquistando, por meio de muita luta seu espaço, muitas, como Nísia Floresta Brasileira Augusta, que publicou o primeiro livro sobre os direitos das mulheres – Direitos das mulheres e injustiça dos homens – conseguiram se destacar, abrindo espaço para a “aceitação” feminina no meio literário. Podemos citar também no meio internacional as irmãs Brontë, Jane Austen e Mary Shelley.

Com a chegada da mulher houve a construção de uma identidade feminina diferente da colocada, até então, por homens tomados por uma visão patriarcal, segundo Virginia Wolf:

(...) quando se põe a escrever um romance, uma mulher constata que está querendo incessantemente alterar os valores estabelecidos – querendo tornar sério o que parece insignificante a um homem, e banal o que para ele é importante. (WOOLF, 2014, p.278/279)

Pela intenção citada por Virgínia Wolf, a mulher é interpretada por muito tempo, principalmente pelos mais conservadores, como subversiva, devido à desconstrução de padrões promovida em suas obras. Dessa forma, a literatura abre portas para as mulheres, silenciadas em seus lares pelo patriarcalismo, expressarem sentimentos e escreverem uma nova história, demonstrando seus valores e capacidades, como enfatizam Ferreira, Oliveira e Lima (2006):

A escrita literária foi, para muitas mulheres, um meio pelo qual puderam expressar seus sentimentos, seus desejos, seus sonhos, seus sofrimentos, suas lutas, suas conquistas, etc. Através da poesia, muitas escritoras puderam se revelar, afinal, o texto literário dava-lhes liberdade de expressão. (FERREIRA, OLIVEIRA E LIMA, 2016, p.2)

Portanto, apesar de um longo caminho a ser percorrido, a abertura para a entrada da mulher na literatura tem desconstruído discursos antes proferidos a partir de uma visão masculina e machista, formando, assim, uma nova identidade para a mulher que podemos enquadrar na poesia de Adélia Prado e na análise do cartaz escolhido para essa pesquisa.

## **Análise Discursiva**



Fonte: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2014/05/manifestantes-realizam-marcha-das-vadias-em-sao-paulo.html?noAudience=true>

Foto: Nelson Antoine/FotoArena/Estadão

A poesia A Serenata, de Adélia Prado, foi publicada em 1975, no livro da mesma autora, intitulado Bagagem...

### A SERENATA

- 1 Uma noite de lua pálida e gerânios
- 2 ele viria com boca e mãos incríveis
- 3 tocar flauta no jardim.
- 4 Estou no começo do meu desespero
- 5 e só vejo dois caminhos:
- 6 ou viro doída ou santa.
- 7 Eu que rejeito e expubro
- 8 o que não for natural como sangue e veias
- 9 descubro que estou chorando todo dia,
- 10 os cabelos entristecidos,
- 11 a pele assaltada de indecisão.

- 12 Quando ele vier, porque é certo que vem,  
13 de que modo vou chegar ao balcão sem juventude?  
14 A lua, os gerânios e ele serão os mesmos  
15 — só a mulher entre as coisas envelhece.  
16 De que modo vou abrir a janela, se não for doida?  
17 Como a fecharei, se não for santa?

Adélia Prado

Por meio do poema de Adélia Prado, somos transportados a uma realidade e chamados a sentir uma angústia vivenciada pelo eu lírico naquele momento. Estamos diante de uma mulher refém da realidade do século XX. Nesse período, o papel da mulher resumia-se a procriadora e dona do lar e o seu objetivo de vida era a espera pelo casamento. O título evidencia uma mulher que espera pelo príncipe, pois era um costume os homens apaixonados irem até a janela de suas amadas para fazer uma serenata, assim como aprendemos nos contos de princesa, como é o caso de Rapunzel, que aguarda a chegada do príncipe para que possa ser salva.

Entretanto, conforme se observa na linha 4 – “Estou no começo do meu desespero” – a mulher trazida na poesia de Adélia enfrenta uma grande aflição, devido à demora da chegada do noivo. Na primeira linha, a autora destaca uma noite de **lua** clara e **gerânio**, relacionando sua espera ao ciclo da vida, pois ao citar a lua remete-se às fases da vida, ou seja, enquanto a vida passa a mulher espera pelo homem em sua janela. Os gerânios, também citados na primeira linha, são uma espécie de planta que, apesar de delicadas, apresentam alta resistência à adversidade, como, por exemplo, o frio. A relação com essa planta na poesia demonstra que diante da passagem das fases de sua vida, ou seja, do tempo de espera, a mulher busca resistir, pois o tempo traz marcas que a distancia do objetivo do casamento.

Nessa perspectiva, a mulher colocada por Adélia vive uma angústia no sentido de abrir ou não a janela – “só vejo dois caminhos, ou viro santa ou doida” –, pois, ao abrir a janela, a mulher estaria olhando além dos limites de seu lar e tomando uma atitude louca para aquele contexto, pois estaria, ela mesma, indo à procura do príncipe por quem esperava. Além de apresentar-se fora dos padrões, haja vista já estar sem juventude.

Esse comportamento demonstra o objetificação de mulher, que, de acordo com os padrões da sociedade deve se apresentar de forma que agrade ao homem, sendo que, ao atingir certa idade, é considerada descartável. Nas linhas 10 e 11 – “os cabelos entristecidos e a pele assaltada” – demonstra que as marcas da idade fazem-se presentes e que a mulher já não tem os cabelos vivos da juventude, esse entristecimento pode ser relacionado à chegada dos fios brancos, assim como a pele assaltada demonstra a chegada das rugas.

Observa-se que há uma imposição social de que a mulher deve manter-se sempre jovem ou então perderá o seu valor, nas linhas 14 e 15 – “A lua, os gerânios e ele serão os mesmos. Só a mulher entre as coisas envelhece” –, demonstram a objetificação da mulher, quando comparada às coisas, no entanto a mulher é única coisa que envelhece. No verso em que diz que “ele será o mesmo” fica evidente que o homem não é cobrado da mesma forma.

Propõe-se nesta pesquisa a interlocução desse poema com cartaz empunhado na Marcha das Vadias com os dizeres Nem santa, nem puta; mulher, tendo em vista que é possível perceber uma evolução da mulher, marcada pela posição em que era ocupada por ela no poema de Adélia Prado.

A mulher do cartaz em pauta abriu a janela e recebeu rótulo de puta, demonstrando o posicionamento de mulheres no evento marcha das vadias, onde impunham o enunciado Nem santa, nem puta; mulher! No entanto, elas se levantam para dizer que são apenas mulheres e como a mulher colocada por Adélia sentem desejos, ao contrário da primeira, tiveram coragem e estão indo além das paredes de seus lares, pois vislumbraram o que estava além da janela, não esperaram o príncipe para que fossem libertas de uma prisão e colocadas em outra, empunharam uma bandeira e isso as afastou do ser santa e as aproximou do insano.

Essas mulheres ainda são marcadas pelo o que a mulher trazida no poema de Adélia Prado temia; ser tachada de louca, no caso do cartaz de puta. Pois, o lugar imposto para a primeira mulher é o mesmo imposto a todas as mulheres na atualidade. O papel daquela que cuida do lar e dos filhos, podendo trabalhar fora, mas ainda comportando-se dentro dos padrões de uma sociedade machista e patriarcal. Talvez essa seja a falsa liberdade que a mulher achava que teria ao abrir a janela.

No entanto, a mulher mostrada no cartaz, além de romper com os limites impostos, luta para mostrar qual é seu lugar, prova que não precisa viver a angústia de escolher entre santidade e lucidez, pois pode seguir o caminho que quiser, haja vista que já rompeu com os limites daquela janela, bastando

agora romper os limites de uma sociedade machista. E são esses os sentidos trazidos por elas na Marcha das Vadias ao empunharem os dizeres NEM SANTA NEM PUTA: MULHER!

### Considerações finais

A análise da poesia e o cartaz foi-nos possível perceber que, apesar de a mulher ter conquistado mais autonomia e ter passado a ocupar espaços antes destinados apenas ao sexo masculino, ainda estão sob influência do patriarcado.

No decorrer do trabalho, buscou-se entender os motivos que levaram a mulher a ser colocada em meio à binariedade “santa ou louca” ou “santa ou puta”, ficando evidente que há um discurso formatado por uma sociedade machista e patriarcal<sup>10</sup>, influenciado por questões religiosas, em que o sexo feminino é visto como inferior ao masculino ou, ainda, submisso e dependente dele.

Dessa forma, ao observar o escrito da mulher na literatura, tanto na poesia de Adélia Prado, como no cartaz, é perceptível a denúncia e a crítica tecidas, visando desconstruir um interdiscurso construído sócio-historicamente sobre bases ideológicas que colocam a mulher em situação inferior, resumida ao papel de cuidadora do lar, esposa e mãe (procriadora).

Esse interdiscurso coloca o eu lírico da poesia apresentada por Adélia em uma grande aflição, tendo em vista que a mulher da poesia precisa estar bela e jovem à espera do homem que a pedirá em casamento. A grande aflição está em resistir ao tempo de espera matendo os padrões de beleza e jovialidade impostos pela sociedade.

Podemos afirmar, ainda, que o discurso (linguagem) é o que constrói a nossa realidade, a partir dele temos acesso a identidades e imagens de verdade formuladas sócio-historicamente, dessa forma o contexto histórico funciona como condição para que o discurso se configure, essa questão pode explicar os efeitos de sentido provocados pelo texto de Adélia Prado e do cartaz em questão, pois a partir da

---

<sup>10</sup> “o patriarcado é uma forma de organização social onde suas relações são regidas por dois princípios basilares: as mulheres são hierarquicamente subordinadas aos homens, e os jovens estão subordinados hierarquicamente aos homens mais velhos, patriarcas da comunidade”. ( Scott, 1995)



análise de ambos percebemos que tanto o eu lírico da poesia quanto os dizeres e condições de produção do cartaz demonstram que o texto e o acontecimento estão ligados a fatos históricos.

No século XX, a realidade da mulher começa a mudar, pois tem início a emancipação feminina com o direito ao voto e alguns padrões impostos começam a ser questionados. A poesia *A Serenata* expõe a forma como a mulher se sente em relação ao padrão de beleza que ela deve manter para agradar o sexo masculino, também abre questionamento sobre único objetivo da mulher ser a espera pelo casamento.

A crítica constante da poesia aparece de forma mais velada, pois a realidade daquele século não dava tanta abertura para uma crítica mais explícita como no século XXI em que nos deparamos com o cartaz que demonstra o posicionamento das mulheres no evento *Marcha das Vadias*.

Assim como o eu lírico de Adélia, as mulheres reais relatadas participantes da *Marcha das Vadias* levantam-se contra um estereótipo construído pela sociedade de que a culpa por um estupro muitas vezes é das mulheres pela forma de vestirem-se ou comportarem-se de maneira socialmente inadequada, o que as leva a ser chamadas de putas ou loucas.

Tanto no texto como no cartaz, é evidente que o discurso constrói-se em relação ao contexto e sempre é eivado por vozes já ditas no passado que são atualizadas a cada vez que tomamos a palavra, pois tanto a mulher do XX quanto a do século XXI é afetada por uma construção discursiva alicerçada no patriarcado, machismo e religiosidade excessiva, que as coloca em meio à binariedade do santo e do profano com intuito de controlar suas ações.

A abordagem do tema nos dois momentos distintos, de alguma forma, tenta questionar e desconstruir esses discursos já instituídos que colocam as mulheres em posição inferior, demonstrando que não precisam viver em meio à binariedade que lhes é imposta, pois podem ser o que quiserem, porque são donas de si mesmas e não mais propriedade de um homem a quem devem ser submissas.

Há uma longa caminhada pela frente, mas caminhos têm sido abertos por mulheres corajosas e de fibra como Adélia Prado e muitas outras que em 4 de junho de 2011, saíram às ruas em busca de igualdade de gêneros no evento intitulado *Marcha das Vadias*, dizendo não ao machismo e ao patriarcado, demonstrando que podemos sim ser o que quisermos sem deixar que nos aproximem de paradigmas e estereótipos ligados ao santo e ao profano.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A BÍBLIA. Tradução de João Ferreira Almeida. Rio de Janeiro: King Cross Publicações, 2008. 1110 p. Velho Testamento e Novo Testamento.

FERREIRA, Jailma da Costa; OLIVEIRA Fernanda Karyne; LIMA, Maria Ismênia. **Abriu ou fechar as janelas: a mulher entre a loucura e a santidade no poema a serenata, de Adélia Prado.** Disponível em:

[https://editorarealize.com.br/revistas/cintedi/trabalhos/TRABALHO\\_EV060\\_MD1\\_SA9\\_ID40\\_31082016212349](https://editorarealize.com.br/revistas/cintedi/trabalhos/TRABALHO_EV060_MD1_SA9_ID40_31082016212349), acessado em 20 de novembro de 2018, às 8 horas.

NOGUEIRA, Renzo Magno. **A evolução da sociedade patriarcal e sua influência sobre a identidade feminina e a violência de gênero.** Disponível em <https://jus.com.br/artigos/48718/a-evolucao-da-sociedade-patriarcal-e-sua-influencia-sobre-a-identidade-feminina-e-a-violencia-de-genero>, acessado em 16 de outubro de 2018, às 18h35min

ORLANDI, E. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos.** Campinas: Pontes, 1999.

PRADO, Adélia. **Bagagem.** 35ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2014.

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** Educação & Realidade, Porto Alegre, vol. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995. p. 75.

WOOLF, Virgínia. **O valor do riso e outros ensaios.** Disponível em <https://books.google.com.br>, acessado em 10 de novembro de 2018, às 15 horas.

\*Vanuza dos Santos Lima é formada em Letras pela Universidade Católica Dom Bosco e aluna da Pós-Graduação *Stricto Sensu* Mestrado em Análise do Discurso na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

\*Marlon Leal Rodrigues graduou-se em Letras (Língua Portuguesa e Literaturas) pela FERP-VR/RJ (1993), hoje UGD-VR, Universidade Geraldi Di Biasi de Volta Redonda-RJ. Concluiu o Mestrado em Letras (Estudos Linguísticos, Análise do Discurso, AD) pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2001), Campus de Três Lagoas, doutorado em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (2006) e faz supervisão de pós-doutoramento (2008) na mesma universidade. Atualmente é professor adjunto da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande, professor efetivo do Programa de Mestrado em Letras da UEMS-Campo grande, Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Análise do Discurso de Linha Francesa AD. É membro do NEAD - Núcleo de Estudos em Análise do Discurso (UEMS). Desenvolve e orienta pesquisas com temáticas relacionadas ao cotidiano, sujeito, à identidade e à história.